

Nota sobre uma família de Jornalistas

Helio de Freitas Puglielli¹

PRELIMINAR

O primeiro jornal do Paraná nasce com a transformação da Quinta Comarca de São Paulo em nova província do Império. Fundando o “19 de Dezembro”, o jornalista carioca Cândido Lopes atende à necessidade de veicular as publicações oficiais da nova administração provincial. Nos anos seguintes, surgem outros jornais: algumas caixas de tipos móveis e um prelo são suficientes para imprimir uma folha (quatro páginas), geralmente com textos panfletários. Entre os pequenos jornais que dessa forma proliferam destacam-se os de cunho político, como a liberal “Província do Paraná” e a conservadora “Gazeta Paranaense”, e principalmente “A República” (oposicionista na época imperial e, posteriormente, porta-voz da oligarquia republicana que toma o poder). O “Dezenove de Dezembro”, independente, é o primeiro a ter circulação diária, a partir de 1884. Já no século XX, com o avanço das técnicas gráficas, os jornais enfim aumentam o número de páginas e intensificam a periodicidade com que circulam. São fundados a “Gazeta do Povo” e “O Dia”, considerados “modernos” na época, enquanto o histórico “A República” é sintomaticamente “empastelado” na Revolução de 30. Desenrola-se, então a saga de uma família, que neste texto tenta-se esboçar.

Nota sobre uma família de Jornalistas

João Rodrigo de Freitas nasce em Morretes em 1º de janeiro de 1888. Seu pai, João de Deus Freitas, também nascido naquela cidade, é filho de Rodrigo José de Freitas, vindo de Lisboa com apenas 15 anos de idade no final do Primeiro Império. Depois de um tempo de permanência no Rio de Janeiro, Rodrigo José transfere-se à região litorânea do Paraná, onde se casa com Belisa Amélia Gonçalves de Moraes -- descendente do primeiro escrivão da Câmara de Paranaguá, Gaspar Gonçalves de Moraes, e de um dos signatários da primeira ata referente a Curitiba, Pedro de Moraes Monforte. O genealogista Francisco Negrão (cuja esposa descendia dos Gonçalves de Moraes) leva a pesquisa sobre essa família até o século XV, destacando o navegador João Gonçalves Zarco, que, juntamente com Bartolomeu Perestrelo, descobriu as ilhas da Madeira, delas

¹ Professor aposentado da Universidade Federal do Paraná-UFPR e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUC/PR.

tomando posse para Portugal.

Tanto Rodrigo José (que falece com pouco mais de 40 anos) quanto João de Deus, em Morretes, atuam como pequenos empreiteiros de obras públicas, com atividades em navegação fluvial e transporte terrestre de curto percurso, além de proprietários de engenho de aguardente e terras. João de Deus (Nhô Jango) casa-se com Jacomina Dall’Agnol, filha de imigrantes italianos, tendo três filhos. João Rodrigo (Janguinho), o mais velho, que também se casa com filha de imigrantes italianos, Angelina Dall’Igna (Nina).

Como a Universidade do Paraná só viria a ser fundada em 1912, Janguinho, sob os auspícios paternos, vai estudar Direito no Rio de Janeiro. Em 1908, porém, há uma reviravolta radical: a mãe tem um derrame e fica em estado terminal, fazendo com que retorne ao lar para vê-la ainda com vida. Consumado o falecimento, reencontra-se com a namoradina de adolescência, filha do casal de italianos Amadeu e Ana Maria (Carazzai) Dall’Igna, e no mesmo ano com ela se casa. Nomeado promotor público em Morretes (o que era possível à época, mesmo sem a conclusão do curso), mantém-se o casal ainda com o quinhão da herança materna de Janguinho, tendo sucessivamente os filhos Waldemar, América, Wandycyk, Wilzia e Waldéria.

Após ajudar o pai em iniciativa pioneira, ao instalar em Morretes uma fábrica de papel -- baseada no aproveitamento do lírio do brejo como matéria prima -- e participar ao seu lado da campanha civilista (candidatura de Rui Barbosa à presidência da República), Janguinho resolve morar com a esposa e os cinco filhos em Curitiba. Com o cunhado João Ghignone (também vindo de Morretes), funda a Livraria e Tipografia Freitas, sediada à Rua Riachuelo. Ao mesmo tempo, João Rodrigo tenta dar continuidade aos estudos de Direito na recém-fundada Universidade do Paraná. Porém, os encargos decorrentes do nascimento de mais dois filhos (Wanda e João Dedeus Netto), e o superveniente malogro da iniciativa empresarial a que se abalançara, fazem com que interrompa novamente os estudos, passando, a convite de amigos conhecedores de sua capacidade intelectual, a ter o jornalismo como ganha-pão. Tanto por vocação como por premente necessidade de ganhar a vida, dedica-se a fundo à atividade jornalística. O que para outros era “bico”, atividade secundária ou paralela (quando não mero diletantismo), para ele se torna

trabalho de tempo integral. Assim, provavelmente, é o primeiro jornalista profissional em Curitiba, meteoricamente guindado à chefia de redação do jornal “O Dia” -- fundado, em 1922, para fazer oposição à oligarquia então dominante no Paraná -- graças à mobilização de empreendedores progressistas liderados por João Guilherme Guimarães. Instalado o jornal num sobradão, na Praça Carlos Gomes, Janguinho vai morar com a família no andar superior, enquanto, no térreo, funcionam redação, oficinas e administração.

Inicia-se, então, a saga de uma família, na qual os três filhos homens, criados “dentro de um jornal”, acabam por seguir os passos paternos. Antes disso, porém, quase ficam órfãos, pois o pai sofre um atentado. De madrugada, ao voltar para casa, três facínoras tentam de início espancá-lo. Confusos diante da reação decidida pela qual não esperavam, passam a alvejá-lo a tiros de revólver, felizmente sem acertá-lo. O jornalista sai ileso, ainda que com perfurações de bala numa das abas do paletó aberto durante a luta.

Jamais esclarecido, o atentado comporta várias conjeturas, considerando que as campanhas oposicionistas promovidas pelo jornal “O Dia” descontentavam praticamente todos os poderosos da época, a começar pelos então “presidentes do Estado” que se sucediam no posto: Afonso Camargo e Caetano Munhoz da Rocha, bem como o Prefeito de Curitiba, João Moreira Garcês.

A família do jornalista também é alvo de represálias. Wilzia, mãe do autor desta nota, é expulsa do colégio de freiras em que era aluna, por seu pai ter levantado suspeitas, no jornal, em torno de um padre cujo “coroinha” fora violentado e assassinado. Wilzia Freitas é a única das irmãs a manifestar pendor jornalístico, redigindo crônicas (na época chamadas “sultos”) assinadas sob pseudônimo, visto o preconceito machista então existente com relação a mulheres no jornalismo (hoje, ao contrário, numericamente majoritárias nas redações). No final da década de 20, os fatos se precipitam e, enfim, desmorona a hegemonia oligárquica da “República Velha”, com a deposição de Washington Luiz e, no Paraná, com a fuga de Afonso Camargo -- “presidente do Estado”. Conhecido pelo estilo inflamado e radical, Rodrigo de Freitas (simplificação do nome por ele adotada) é convidado a trabalhar na imprensa da capital da República em plena ebulição suscitada pela Revolução de 30. Aceita e escreve para dois jornais: “A Batalha”

e “A Esquerda”. Curta, no entanto, é sua militância na imprensa carioca, pois as dificuldades em transferir para o Rio a numerosa família fazem com que esmoreça e retorne a Curitiba. Seu apoio a Getúlio Vargas faz com que seja nomeado inspetor federal de ensino, acumulando empregos em jornais de Curitiba (como “Correio do Paraná” e “Diário da Tarde”).

Em meados da década de 30, “perde” um dos filhos, Wandycck, que se transfere para São Paulo a convite de Assis Chateaubriand, magnata fundador e mentor da cadeia “Diários Associados”. Chegara aos ouvidos de “Chatô” a fama do “menino-prodígio” que “se criara dentro de um jornal” e, por isso, além de redigir bem, entendia de todo o processo da produção gráfica, de acordo com as técnicas da época: linotipia, chicheria, impressão etc.

Wandycck vai para Santos com a missão de editar o mais novo veículo da constelação de jornais “Associados”: o “Diário de Santos”. Demonstra, aí, toda a sua capacidade, porém é impossível vencer a hegemonia da tradicional “A Tribuna” (fundada em 1894 e que sobrevive até hoje). Nem por isso decepciona Chatô, que o transfere para a capital paulista a fim de secretariar o “Diário de S. Paulo). Lá, Wandycck se radica e constitui família, trabalhando nos “Associados” até a década de 50, quando passa ao radiojornalismo na “Record”. Editando o jornal falado, também escreve crônicas lidas diariamente e organiza a primeira “prévia” sobre eleições realizada no Brasil. Um dos candidatos, Jânio Quadros, cuja vitória foi acertadamente prevista, ao assumir o governo de S.Paulo designa Wandycck como diretor da Imprensa Oficial do Estado. O cargo é vitalício e a ele o jornalista paranaense dedicar-se-á, em tempo integral, até o final de sua vida.

Em Curitiba, simpático ao getulismo, Rodrigo de Freitas é amigo do Interventor Manoel Ribas. Entretanto, não tirará partido dessa amizade, apesar das exortações que Wandycck lhe faz, por cartas, para fundar jornal destinado a dar apoio ao Interventor mediante benesses asseguradas pelo próprio -- “processo” nada incomum na história da imprensa brasileira...

Na década de 40, Rodrigo também se torna muito conhecido pelas crônicas candentes por ele redigidas e lidas por Aluizio Finzetto ao microfone da Radioclube Paranaense (PRB-

2), então a única emissora existente no Paraná. O Brasil está ainda neutro, Getúlio até “flerta” com as potências do “Eixo”, mas o jornalista faz campanha desassombrada contra o nazifascismo. Com a entrada do Brasil na Guerra, a constante e veemente defesa dos Aliados faz com que a Rádio de Berlim, em sua transmissão em língua portuguesa, prometa punição exemplar para “o cão que ladra em Curitiba”. As crônicas que despertaram a ira nazista são, posteriormente, reunidas em livro, com o título “Brasil, Alerta!”

João Dedeus Freitas Netto, o filho caçula, estudante de medicina, “foca” nos jornais de Curitiba, é convocado e parte para a Itália como “pracinha” da FEB. Toda a família fica angustiada, mas a tragédia eclode em Curitiba mesmo. Waldemar, o filho mais velho, além de também jornalista (principalmente com atuação no “Correio do Paraná”) formara-se em Direito e advogava com êxito, quando adoece e falece com um câncer fulminante, deixando viúva e um órfão de menos de três anos. Esse golpe -- aliado à preocupação com o filho mais novo que combate na Itália -- acelera um processo canceroso também em Rodrigo, que vem a falecer em maio de 1945, poucos dias depois da vitória dos Aliados na Europa. Ao retornar a Curitiba, Freitas Netto retoma o curso de Medicina e torna-se redator-secretário do mesmo jornal “O Dia”, cuja redação seu pai chefiou durante tantos anos.

Em dupla com o redator-chefe José Ernesto Erichsen Pereira, Freitas Netto se notabiliza pela defesa do Governador Moysés Lupion, que sofria acirrada oposição. Ironicamente, quando Bento Munhoz da Rocha Netto é eleito como sucessor de Lupion, passando “O Dia” à oposição, Erichsen Pereira e Freitas Netto são contratados por um novo jornal. Trata-se de “O Estado do Paraná”, que surge da maneira preconizada por Wandyck nas cartas ao pai: compra de equipamentos gráficos assegurada por empréstimo do banco oficial, a ser amortizado com as próprias publicações legais do governo do Estado inseridas no jornal. Tudo para que o governador, cunhado de um dos dois principais sócios do novo jornal, tenha o necessário apoio jornalístico. Em “O Estado do Paraná”, chefiando a redação após a saída de Pereira, Freitas Netto permanece durante décadas. Coincidentemente, também é nomeado, pelo governador Ney Braga, diretor da Imprensa Oficial do Estado -- assim como seu irmão Wandyck em São Paulo. Falecido em 2004, Freitas Netto havia sido também correspondente do jornal “O Globo” em Curitiba, além de presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do

Estado do Paraná por várias gestões.

A terceira geração de jornalistas da família é composta por Rodrigo Manoel Marchesini Freitas, filho de Waldemar; por Rodrigo Waldemar, filho de Wandycck; e pelo autor desta nota, filho de Wilzia. Rodrigo Manoel trabalhou durante mais de 40 anos no vespertino “Tribuna do Paraná”, até pouco antes de falecer, em 2015. Rodrigo Waldemar foi revisor e redator da Imprensa Oficial de SP, noticiarista da “Folha de São Paulo e jornalista responsável pelo “Jornal do Geólogo” da Sociedade Brasileira de Geologia.

O autor desta nota, atualmente aposentado, foi editorialista dos jornais “O Estado do Paraná” e “Gazeta do Povo”, bem como assessor de imprensa, sucessivamente, em seis órgãos públicos estaduais, e professor de Comunicação Social em duas Universidades.

Recebido em: 20 out. 2020.

Aceito em: 23 nov. 2020.